

## O CORPO CONTEMPORÂNEO DESAFIANDO PADRÕES: O ENCONTRO DA BODY ART COM A EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE ATRAVÉS DE TATUAGENS E PIERCINGS

*The contemporary body challenging standards: the meeting of body art with the expression of  
subjectivity through tattoos and piercings*

Gurgel, Myrella de Castro; Pós-Graduanda; SENAC SP,  
gurgelmyrellac@gmail.com<sup>1</sup>

Freire, Renata Santiago; Mestra; Universidade de Fortaleza - UNIFOR,  
renatasantiago@unifor.br<sup>2</sup>

**Resumo:** Considerando a lógica da moda entrelaçada à prática da body art, este trabalho pesquisa como *piercings* e tatuagens podem influenciar e expressar subjetividades em trânsito nos corpos contemporâneos. Por meio de uma metodologia exploratória, buscou-se compreender possibilidades que corpos modificados têm de materializar o próprio inconsciente artisticamente. Assim, foi possível reconhecer que esses mecanismos podem dar novos significados à corporeidade dentro da sociedade.

**Palavras-chave:** Corpo. Moda. *Body Art*. Tatuagem. *Piercing*.

**Abstract:** Considering the logic of fashion intertwined with the practice of body art, this work investigates how piercings and tattoos can influence and express subjectivities in transit in contemporary bodies. Through an exploratory methodology, we sought to understand possibilities that modified bodies must artistically materialize their own unconscious. Thus, it was possible to recognize that these mechanisms can give new meanings to corporeality within society.

**Keywords:** Body. Fashion. *Body Art*. Tattoo. *Piercing*.

### Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões tecidas a partir do recorte feito do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Graduação Tecnológica em Design de Moda

---

<sup>1</sup> Designer de moda graduada pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), atualmente fazendo pós-graduação em Fotografia e Arte pelo SENAC-SP.

<sup>2</sup> Artista, designer e personal stylist. Pesquisadora e professora universitária do Curso de Design de Moda da Unifor. É graduada em Design de Moda pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e possui mestrado em Artes. É diretora criativa do Modaparamim, empresa de criação de moda autoral e consultoria de imagem e estilo onde tece relações entre arte, moda e psicanálise.



(2022), que teve a finalidade de desenvolver o editorial de moda conceitual DESA-FIAR. Intencionando mostrar como o uso de *piercings* e tatuagens podem verbalizar sobre a individualidade de um corpo, uma metodologia exploratória foi utilizada na pesquisa, além de contar com um questionário constituído por perguntas que investigaram as relações subjetivas dos participantes com suas modificações corporais. A análise desses dados ajudou a traçar o conceito para a construção de uma imagem de moda que representasse artisticamente o corpo contemporâneo e sua existência através das remodelações corpóreas que carrega.

Figura 1: Editorial DESA-FIAR



Fonte: Autora (2023)

Logo, sabemos que a Moda pode representar de forma não-verbal o que o corpo quer expressar. Até mesmo anterior à ela, este corpo pode deter uma linguagem própria que envolve não só objetos funcionais, como “também signos, técnicas, posturas, gestos, hábitos e padrões de comportamentos” (ALVES, 2017, p. 7). Nesse sentido, as modificações corporais têm a capacidade de funcionar como a fala de um indivíduo, demonstrando artisticamente os seus desejos e histórias, traduzindo posicionamentos que muitas vezes, podem se opor aos padrões impostos pela sociedade, por exemplo.

Por isso, quando vista pelo recorte do fenômeno social e cultural, é possível pensar na Moda como uma linguagem de símbolos que constrói e expressa subjetividades, fazendo com que o outro possa entrar em contato com os significantes que aquele corpo carrega. Castilho e Vicentini (2008, p. 134) mencionam que “o corpo enquanto suporte das roupas e articulador de significações necessita revestir-se com as representações significativas de sua cultura de forma a interagir e representá-la em seus anseios, concepções, angústias e projeções”.

Essa relação é explicada por Lipovetsky (2009, p. 43) ao dizer que “a moda tem ligação com o prazer de ver, mas também com o prazer de ser visto, de exhibir-se ao olhar do outro” e isto acontece por meio do suporte corporal que conduz todos os ornamentos escolhidos pelo sujeito. Calanca (2011, p. 12) contextualiza que caso “considerados isoladamente, tais elementos estão privados de valor; no entanto, adquirem significado no momento em que são ligados por um conjunto de normas, de regras coletivas”.

Foi então na modernidade, que as possibilidades de expressão das subjetividades ganharam novas perspectivas ao serem compreendidas por Freud, como aponta Pires (2005) quando diz que o seu trabalho se baseou na análise da alma – do consciente/inconsciente. Fundamentada nessa análise, a autora afirma que a natureza do desejo é o que singulariza os indivíduos entre si e que a verbalização, por ser inerente ao consciente, nem sempre permite que esse desejo se manifeste em sua totalidade. É portanto, onde a utilização da arte pode vir a expressar as vontades e sensações inconscientes de cada sujeito.

Nesse prisma, a vanguarda artística da *body art*<sup>3</sup> propõe uma expressão de ruptura em relação ao próprio meio artístico e suas regras acadêmicas, interpelando a maneira restrita de fazer arte que até então, limitava-se à pintura e à escultura. Assim, o desafio era ir além e fazer uso não só do corpo, mas também das emoções – tanto do artista, quanto dos expectadores – de maneira a provocar sensações e reflexões naqueles que estavam envolvidos, ultrapassando a lógica somente da representação.

À vista disso, o objetivo deste estudo é lançar luz a um recorte dentro da lógica da Moda, que busca compreender as possibilidades que um corpo modificado por tatuagens e *piercings* tem de materializar o seu inconsciente através destes elementos e lhes fornecer

<sup>3</sup> A *body art*, ou arte do corpo, designa uma vertente da arte contemporânea que toma o corpo como meio de expressão e/ou matéria para a realização dos trabalhos, associando-se frequentemente a *happening* e *performance*.

perspectivas de torná-lo um agente artístico itinerante. Por isso, com a intenção de investigar tais aspectos, a obra *O Corpo Como Suporte da Arte* de Beatriz Ferreira Pires foi o alicerce para as conexões feitas às ideias das autoras Daniela Calanca e Kathia Castilho, além de Gilles Lipovetsky, resultando nas reflexões de como o corpo pode articular, posicionar e dialogar pelo próprio indivíduo, antes mesmo que ele possa falar.

Logo, é a partir desse contexto que iremos elencar, com base nos autores citados acima, como pode vir a ser para alguns indivíduos carregar na pele a externalização da própria subjetividade e como tais elementos, organizados no corpo de cada um, podem então ser recebidos pelo outro.

### **O corpo contemporâneo desafiando padrões: o encontro da *body art* com a expressão da subjetividade através de tatuagens e *piercings***

Para Castilho e Martins (2005) um o corpo nu nada diz. É necessário que a matéria corporal se cerque de artifícios e signos para que haja diálogo entre os significantes de cada um e da comunidade. Esses significantes são construídos ao longo da vivência do indivíduo, baseados nos estímulos socioculturais no qual está inserido, fundamentando então a sua identidade através do seu corpo (CASTILHO, 2006). A simbiose entre o meio social e as sensações experienciadas pelo corpo estão ligadas diretamente aos principais acontecimentos históricos, culturais e sociais que vieram a construir as subjetividades dos indivíduos pertencentes a uma sociedade. Suas formas de pensar, sentir, reagir e se expressar constituem-se como traços nas peles sendo esculpidas ao longo de suas vivências e do desenvolvimento dos seus desejos individuais, fomentadas por um contexto político e cultural.

Essa identidade pode ser construída inclusive, a partir de reflexões e experiências incômodas geradas perante a sociedade na qual o sujeito está inserido. O marco crucial para compreensão dessa ação é a partir da década de 1960, onde Calanca (2011) expõem a quebra de demarcações sociais em decorrência de movimentos sociopolíticos da época e descreve o surgimento do que chama de antimoda. Ocorrem assim, novas oportunidades de manifestações contrárias aos padrões que eram socialmente impostos e nesta ocasião, a autoimagem torna-se uma ferramenta que pode ser protestante a posicionamentos específicos.

Esse período foi definido por revoluções em diversos âmbitos no Ocidente, como por exemplo a luta pela liberdade sexual, a busca pela igualdade de direitos entre gêneros e o desprezo por valores e padrões sociais impostos até então. Nessa mesma época, a *body art* ganha força baseando-se nos pressupostos de Marcel Duchamp<sup>4</sup>, que acreditava no fato de que qualquer elemento poderia ser apropriado como obra de arte. Pires (2005, p. 85) cita que “para alguns artistas, a partir desse momento não basta uma arte que retrate o corpo, ou que seja produzida sobre o corpo; ela tem que ser produzida *com* o corpo”, e essa estrutura corpórea habitualmente era a “tela em branco” que denunciava questões sociopolíticas de um contexto. Logo, a *body art* se consolida a partir de incômodos dos próprios artistas. Em paralelo, a autora também nos escreve sobre os avanços das técnicas e do aumento de apreciadores das modificações corporais.

Dessa forma, é possível perceber na carne que a criação da singularidade de uma pessoa é formada a partir dos elementos que somam a sua existência, resistência e convivência dentro de um ambiente comunitário. Portanto, a maneira como o corpo era reconhecido socialmente muda nesse momento, sendo então colocado em uma posição que há muito não ocupava, onde a ideia de recriar a própria pele através de tatuagens e de *piercings* concebe uma plataforma de expressão do sujeito de forma maleável e criativa, influenciando no autoconhecimento do corpo contemporâneo.

Podemos então relacionar a característica dissidente da *body art* com o período em que surge uma maior popularização em relação aos *piercings* e tatuagens. A expressão artística no corpo do sujeito, do que ele crê e de como ele se posiciona socialmente através desses procedimentos, começa a se sobrepôr - para alguns - perante os preconceitos existentes até então. A resignificação do olhar social direcionado à essas pessoas transforma tal aspecto em um movimento de autorreconhecimento.

Mais tarde, ao fim da década de 1960 surge o termo *modern primitives*. Designado as pessoas que, mesmo habitando a comunidade contemporânea fomentada na racionalidade e no intelecto, norteiam-se por meio do próprio instinto, posicionando o corpo como âmago das vivências. Seus saberes vinham do estudo sobre sociedades milenares, as quais modificavam a materialidade corporal de seus integrantes por meio de perfurações, pinturas, escarificações e queimaduras, onde as mais diversas sensações eram infringidas ao corpo (PIRES, 2005).

<sup>4</sup> Marcel Duchamp (1887-1968) foi um pintor e escultor francês, naturalizado norte-americano. Foi considerado um ícone do movimento conceitual de arte moderna o “Dadaísmo” e o precursor do “*ready-made*”.

A figura crucial para compreensão da cena é Fakir Musafa (1930 – 2018). Ele foi, não só o precursor e divulgador dos “primitivos modernos”, como também “um profundo conhecedor das técnicas de modificação corporal” (PIRES, 2005). Dito isso, Calanca (2011) expõe também o termo “*body decoration*”, citado por Musafa em 1978, como uma maneira de designar os rituais ligados às modificações corporais praticadas pelos *moderns primitives*.

Figura 2: Fakir é apresentado na Convenção Internacional de Tatuagem em 1979.



Fonte: Fakir Musafar Foundation (2018).

É possível associar tais pensamentos quando Lipovetsky (2009) elucida, descrevendo a Moda como algo carregado de significantes temporais, voltada prioritariamente para um arrebatamento atual, colocando o desejo e a constante vontade de transformação, em uma posição quase que sagrada dentro da comunidade contemporânea. Tal ciclo pode que ser comparado ao comportamento dos praticantes da *body modification*, que buscam sempre proporcionar novas e potentes sensações ao próprio corpo.

Para Calanca (2011), os praticantes da *body decoration* podem seguir duas vertentes: primeiro, a vertente do sistema da Moda - elementos que foram divulgados, acolhidos e legitimados pelo meio sociocultural - ou a vertente daqueles que manipulam seus corpos como processo de ritualização e sentido de existir - podendo ser vinculada às subjetividades dos

indivíduos que transformam suas vivências e os significantes criados a partir delas - em marcas corpóreas pessoais.

[ola@grandesite.com.br](mailto:ola@grandesite.com.br)

Com isso, Pires (2005) elucida que a definição dos símbolos que irão dar forma à estética de cada indivíduo surge de resgastes inconscientes. Esses símbolos instintivos são traduzidos por meio de figuras e configurações escolhidas para então, serem marcadas definitivamente em sua materialidade. Tal percepção nos alude à interpretação de como processos ritualísticos fazem falta na trajetória e na construção dos indivíduos contemporâneos, destinando a essas modificações uma nova maneira de sublimar a própria materialidade (as lutas e conquistas, as crenças e afetos, a memória e os marcos de cada sujeito). E ainda que sigam pela direção espiritual do processo, os visuais criados individualmente acabam por compor uma comunidade que se identifica e se comunica coletivamente através de suas modificações corporais, permitindo que haja um reconhecimento mútuo nos ambientes em que estão inseridos.

Por consequência, atualmente percebemos um maior número de pessoas possuidoras de tatuagens e *piercings* que continuam almejando atingir uma expressão de si por este meio. A construção da própria identidade de forma lúdica, utilizando o corpo como ferramenta - fazendo alusão ao que pode ser entendido como *body art* -, coloca a materialidade pessoal em uma categoria de “arte ambulante”, porém permanente (visto que esses corpos deslocam-se entre espaços sociais, entretanto, pelo caráter imutável, ou pelo menos limitado de tais procedimentos, permanecem fixo a esses corpos), carregando não só o autorreconhecimento individual, mas também o que cada indivíduo espera comunicar perante a sociedade.

### Considerações finais

Pelo exposto, pôde ser compreendido que procedimentos - vistos aqui como artísticos e expressivos - que têm a Moda como fio condutor, podem ressignificar partes de uma corporeidade, comunicando a construção da sua identidade, sendo diretamente influenciada também pelo ambiente social em que o indivíduo está inserido.

Logo, entendemos que as modificações corporais podem ser capazes de transformar os sujeitos que as carregam em uma espécie de obra de arte itinerante, que por onde perpassam

têm o potencial de causar sensações, reflexões e inquietudes naqueles que podemos chamar de expectadores do cotidiano. Porém, é importante salientar que seja para superar os próprios limites ou para ritualizar as próprias experiências, ao mesmo tempo que estes sujeitos buscam por diferenciação, acabam por aproximar-se cada vez mais dos seus semelhantes conduzidos pela forma de expressar a sua autoimagem.

A análise sobre as modificações corpóreas características das sociedades primitivas, trazem traços relevantes para a investigação comportamental de um nicho significativo que se utiliza de tais marcas artísticas como expressão dentro da atualidade. Esse debate trás para o ambiente acadêmico da Moda ideias que até então, são pouco exploradas sobre a construção e a reprodução de uma imagem pessoal que abrangem esses aspectos.

Ao olhar para o contexto moderno, percebeu-se que a descoberta de Freud sobre o inconsciente permitiu que os artistas simpatizantes aos seus conceitos expusessem ao mundo novas formas de manifestações artísticas. Esse novo fazer proposto controverteu o que até então era conhecido como arte; o corpo e as sensações provocadas fisicamente nos artistas e subjetivamente no público, tornaram-se instrumentos cada vez mais necessários como forma de posicionamento social à medida que se inquietavam com uma sociedade gerida por padrões conservadores.

Já no mundo contemporâneo, essa mesma necessidade de gerar reflexão, chocar e simultaneamente atrair o olhar do outro através dos *piercings* e tatuagens, pode ser vista como a disseminação e a aceitação dos costumes dos *moderns primitives* por alguns indivíduos da sociedade. A busca por criar uma nova imagem de si a fim de traçar uma aparência singular que se entretetece às suas experiências e ressignificações, faz com que o sujeito modifique a maneira que ele quer ser visto e reconhecido socialmente.

Partindo para as análises acerca da pesquisa realizada na intenção de desenvolver o editorial DESA-FIAR, foi possível associar diante das respostas dos participantes como suas experiências e relações sociais estavam sendo construídas até aquele momento, por meio das percepções individuais e comunitárias de suas modificações corporais. O fato de carregarem tais artes na pele poderiam ser percebidas na constituição da identidade de cada sujeito que escolheu tê-las.

Dados que envolveram, por exemplo, a idade em que as tatuagens e *piercings* começaram a ser executadas, a quantidade de modificações que cada respondente carregava e se havia o desejo de continuar o processo de transformação corporal ao longo dos anos seguintes mostraram que grande parte dos participantes decidiu iniciar suas remodelações tão logo quanto possível (algumas vezes, anterior à idade legal), além não se arrependem, de maneira geral, das mesmas. Outro ponto observado foi que a maioria das artes gravadas na pele possuíam motivações de marcos e vivências subjetivas, reiterando que tal comportamento é impregnado pela função ritualística do processo de marcar em seus corpos as vivências relevantes.

Tais remodelagens tornaram-se tão fundamentais na vida dos indivíduos a ponto de não conseguirem reconhecer a própria corporeidade sem suas artes. Esse não reconhecimento da imagem individual após os procedimentos comprova a satisfação atingida sobre como a metamorfose artística no corpo pode se tornar uma ferramenta indispensável para fomentar as diferentes subjetividades perante o mundo. Portanto, a construção dessas subjetividades ligada à lógica da Moda, influem sobre como tais elementos serão organizados na materialidade de cada um, tonando essas transformações progressivas e acompanhando a história de seus portadores.

À vista disso, o conceito do editorial DESA-FIAR surgiu de atravessamentos e inquietações pessoais da autora em debater o uso de *piercings* e tatuagens como artefatos que manifestam não só artisticamente, mas subjetivamente, as existências transitórias de inúmeros sujeitos. Nessa construção, o uso de *moodboards* foram substanciais para produção do editorial; com eles, a organização imagética de ideias conceituais, inspiracionais, cronológicas e de público-alvo deram sentido às sensações visuais que se buscou alcançar. Logo, foi pensado na necessidade de posicionar o corpo exposto, desnudo, mostrando vulneravelmente os traços inconscientes de quem o carrega com a intenção de criar laços íntimos e confiáveis entre expectadores e a corporeidade fotografada. Como nas obras de *body art*, a finalidade foi de proporcionar emoções e reflexões diversas aos que visualizaram o corpo manipulado e ornamentado.

Figura 3: *Moodboard* de Inspiração Editorial DESA-FIAR

Fonte: Autora (2021)

Então, no íterim da pesquisa, a memória de não se sentir pertencente ao ambiente no qual estava inserida surgiu ao explicar o desejo de comunicar em si o que se era, sem de fato precisar verbalizar. Por isso, as tatuagens e *piercings* converteram-se em um caminho de diálogo estético de posicionamento perante a sociedade. Para a elaboração da performance fotográfica houve inclusive, revisitações em cada uma das modificações e nas experiências que as motivaram, inspiraram e ressignificaram a materialidade corporal que se tornou o suporte para a externalização da subjetividade de forma artística, despiendo Dessa maneira, o editorial DESA-FIAR intencionou acessar o público, de forma que a autora despiu e dispôs o próprio corpo em registros que revelou parte de seu inconsciente, suas vivências e suas ritualizações de forma íntima, para além da própria carne.

## Referências

ALVES, Larissa Molina. Moda, cultura e comunicação: um diálogo entre comportamento, corpo e expressão. **Colóquio de Moda**, [s. l.], 2017.

BODY Art. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3177/body-art>. Acesso em: 09 de dezembro de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. 2a. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. 224 p.

CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo M. **Discursos da Moda**: semiótica, design e corpo. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

CASTILHO, Kathia. Interrelações da Mídia, do Design do Corpo e do Design da Moda. In: GARCIA, Wilton (Org). **Corpo e Subjetividade** – estudos contemporâneos. São Paulo: Factasch Editora, 2006.

CASTILHO, Kathia; VICENTINI, Claudia Garcia. O corte, a costura, o processo e o projeto de moda no re-*design* do corpo. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kathia (Org). **Corpo e Moda**: Por uma compreensão do contemporâneo. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

FAKIR MUSAFAR FOUNDATION. **A Farewell Message From Fakir**. Maio 2018. Fotografia. Disponível em: <https://www.fakir.org/aboutfakir/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

FRAZÃO, Dilva. Marcel Duchamp: Biografia de Marcel Duchamp. In: **Marcel Duchamp**: Pintor e escultor francês. [S. l.], 22 jul. 2019. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/marcel\\_duchamp/](https://www.ebiografia.com/marcel_duchamp/). Acesso em: 19 dez. 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo Como Suporte da Arte**: *piercing*, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Senac, 2005. 181 p. ISBN 85-7359-395-4.